



EXPRESSO	20.07.1979	AVANTE	
SEMPRE FIXE		PORTUGAL SOCIALISTA	
TEMPO		POVO LIVRE	
O JORNAL		ALAVANCA	
NOVA TERRA		UNIDADE	
VOZ PORTUGALENSE		LUTA POPULAR	
		PODER POPULAR	

Maria de Lurdes Pintasilgo responde a 20 das 50 perguntas do EXPRESSO

“CONVIDADA PARA VISITA OFICIAL AO IRAQUE EM DEZEMBRO”

FOI UMA complicada odisseia, esta da entrevista do EXPRESSO à Primeiro-Ministro, Maria de Lurdes Pintasilgo.

Tudo começou há dois meses, quando, em meados de Agosto, pedimos essa entrevista, através dos canais competentes do Gabinete da Primeiro-Ministro.

Como é costume nestas ocasiões, a reacção foi ótima, a disponibilidade quase imediata, o estado de espírito revelado o melhor que era previsível. A nova Primeiro-Ministro tinha muito prazer, estava aberta ao diálogo com a Informação portuguesa, e a hipótese de fazer publicar uma entrevista no EXPRESSO — esse órgão que aparecia aos olhos de alguns dos seus colaboradores como desconfiadamente reticente em relação ao seu papel político — parecia sorrir-lhe imenso...

Só que em Portugal nada é fácil, nem as coisas mais simples e merecedoras da mais franca receptividade.

Por isso a promessa inicial de extrema celeridade na concessão da entrevista foi-se convertendo, semanas a fio, num congelamento “sine die”, tantos eram os afazeres da Primeiro-Ministro e tantos eram os obstáculos de tempo e de disponibilidade que se iam levantando no caminho da entrevista.

No final de Setembro, uma comunicação simpática do Gabinete da Primeiro-Ministro veio ressuscitar a ideia da entrevista, com uma pequena limitação: as perguntas teriam de seguir previamente por escrito, para facilitar a tarefa da eng.^a Maria de Lurdes Pintasilgo, que aliás se encontrava de partida para a sua digressão nova-iorquina.

Não é hábito no EXPRESSO substituir pela frieza de um questionário escrito a vivacidade de uma entrevista oral. Perde a entrevista em naturalidade, fica mais monótona, as questões surgem de forma estanque, tudo se propicia para que o entrevistado possa fazer publicar mais exactamente a entrevista que melhor lhe convém.

Mas, em tempos de austeridade, tudo o “que vem à rede é peixe”. E, assim, o EXPRESSO aceitou a ideia de deixar, com alguma antecedência, um questionário escrito no Gabinete da Primeiro-Ministro, para que esta pudesse respondê-lo, no seu regresso dos EUA, com a concisão e a rapidez possíveis.

Para tentar compensar a frieza da forma de entrevista adoptada, concebemos um Questionário que pretendia aliar questões de fundo com alguns problemas de conjuntura, dados sobre a pessoa da Primeiro-Ministro com juízos seus acerca de outras personalidades do nosso universo político, ideias para o futuro com um pouco da experiência do passado recente.

Admitimos que havia um pouco de idealismo nesta crença ingénuo de esperar que a Primeiro-Ministro respondesse a perguntas tão directas, e por vezes tão melindrosas, quando não mesmo irreverentes.

Mas, sentíamos que não podíamos fugir a formular inúmeras questões que são formuladas pela opinião pública portuguesa, e sem cuja resposta os por-

tugueses continuarão a vogar no domínio de muita incerteza e de alguma especulação sobre a pessoa e as ideias da eng.^a Maria de Lurdes Pintasilgo.

O próprio silêncio seria revelador...

Aqui começa a terceira e última fase da odisseia de uma entrevista a uma Primeiro-Ministro portuguesa.

A falta de tempo obriga a novo adiamento na resposta ao Questionário enviado.

A mesma falta de tempo é alegada para que das 50 perguntas formuladas apenas 20 (as últimas 20) tenham recebido essa resposta.

Ficaram por responder 30 perguntas sobre a pessoa da Primeiro-Ministro, a sua opinião acerca de outras personalidades políticas e de outros aspectos da vida política.

Escusado será dizer como toda esta experiência acabou por ser razoavelmente desinteressante para o entrevistador. Da entrevista oral passou-se ao Questionário escrito. Do Questionário respondeu-se apenas a uma ínfima parte, deixando domínios essenciais por abordar. Da ideia inicial, o que resta é uma pálida e triste amostra.

Paralelamente, importa explicar que nem todas as perguntas foram compreendidas na sua efectiva dimensão por algumas das pessoas que entrevistaram no complexo processo desta entrevista. Houve nomeadamente quem se tivesse chocado com a colocação de interrogações que nos parecem perfeitamente legítimas e nada incorrectas, concernentes a matérias nas quais seria, em qualquer caso, possível à personalidade entrevistada invocar razões que se prendem com uma certa privacidade pessoal. Mas, a função do entrevistador é colocar essas questões.

Numa palavra, sem que se possa dizer que nalgum momento a própria Primeiro-Ministro tenha sido directamente menos simpática em relação à ideia da entrevista e ao entrevistador, o que é facto é que todo um conjunto de circunstâncias objectivas e subjectivas acabaram por explicar que a entrevista que se publica muito pouco tenha a ver com a iniciativa pensada em Agosto deste ano.

Ultimada a resposta escrita ao questionário, anteontem, tivemos ocasião de recebê-la da própria Primeiro-Ministro, num encontro de resto muito agradável, no qual manifestaria a sua pena por não poder responder, com mais tempo, a outras partes do questionário, nomeadamente àquela que respeitava às suas opções de natureza doutrinária ou política.

Encontrámos em S. Bento a mesma inteligência viva e o mesmo sentido de missão que sempre conhecemos a Maria de Lurdes Pintasilgo. Encontrámos também os traços muito marcados de um cansaço e de uma dispersão por milhentos assuntos, a ocupar horas e horas de trabalho e a provocar tantas vezes o desvio de energias das grandes questões da nossa sociedade para os pequenos sobressaltos e as pequenas crises do dia a dia.

Aqui e ali, o mesmo sentido de humor, por vezes mordaz. Aqui e ali, uma nota de



o Futuro

nhamos feito há cerca de um mês e meio sobre Maria de Lurdes Pintasilgo. Sobre a sua enorme capacidade de esperança e também o seu cansaço. Sobre a sua sede de trabalho em equipa e também um isolamento, que tenta superar mas que a cerca, a Primeiro-Ministro de um Governo de transição e de equilíbrio difícil em período de afrontamentos eleitorais, sobre a importância que dá às cartas que recebe e aos gestos de simpatia que a acompanham, e também a sensação muito funda que experimenta, mesmo quando o não diz, de que governar Portugal nestas circunstâncias é fazer uma navegação à vista da costa, cheia de sobressaltos, cheia de contrariedades inesperadas, cheia de guerrilhas dispersas e sem sentido.

E também sobre a forma desastrosa como não cuida da sua imagem na Informação, como leva uma certa candura (por vezes intencionalmente acentuada?) ao ponto de permitir muito improvisado e manifestar certa displicência, que acabam por se projectar na imagem do próprio Governo.

Sáimos de S. Bento, finalmente, convencidos de que era preciso esta longa introdução sobre a história de uma entrevista que esteve para haver com a Primeiro-Ministro portuguesa, sob pena de os leitores do EXPRESSO acharem que o universo político português é mais surrealista ainda do que aquilo que na realidade é.

Dito isto, fica apenas por manifestar o nosso agradecimento à boa vontade que, apesar de tudo, foi testemunhada por Maria de Lurdes Pintasilgo.

As coisas são como são. As pessoas são como são. E vai fazendo parte do triste preço que se tem de pagar quando se avança em idade e em experiência o desiludir-mo-nos de certas expectativas que nunca deveriam ter sido formuladas.

Ter esperado demasiado de uma entrevista não é, certamente, menos grave, para quem trabalha em jornais, do que esperar demasiado de uma governação provisória e a termo certo para quem vai ocupando as cadeiras do poder político.

Marcelo Rebelo de Sousa

boa disposição juvenil, como quando apontou para três pássaros embalsamados que se encontravam numa redoma de vidro, em cima de um dos móveis do seu Gabinete. Estão lá desde os tempos de Marcello Caetano, e um deles, pousado no ramo mais alto, é um pintasilgo. Presciência ou acaso? Aí Maria de Lurdes Pintasilgo riu com prazer.

Quanto ao mais, como infelizmente vai sendo praxe na vida política portuguesa, a conversa “off record” teve muitíssimo mais interesse do que as folhas dactilografadas que no fim dela a Primeiro-Ministro nos passou para as nossas mãos.

Sáimos de S. Bento a pensar como era tão verdadeira aquela análise que ti-